

Nesta Edição

Educação Popular em tempos de grande desânimo na vida política da nação 2

Site – construção e relevância... histórico, mudança de servidor 4

A logo da Rede – elaboração, importância e uso 5

EDPOPSUS 2 6

Educação Popular em Saúde com o Programa Saúde na Escola (PSE) 6

Vivências da Liga de Educação em Saúde 7

ANEPS: A Educação Popular e Saúde em evidência 8

Mulheres plantam em uma horta comunitária 8

Comitê Municipal de Práticas Integrativas e Complementares e Educação Popular e Saúde de São Carlos – SP 9

As mudanças na formação médica exigem Universidades Públicas e SUS acessível com qualidade e participação 10

Cordel do conhecimento 11

Estórias da rua que foi balsa 12

O que é educação como prática da liberdade hoje?

São 6 anos desde a última edição do Boletim *Nós da Rede*, em 2011. Nestes 6 anos colhemos alguns frutos importantes. Conquistamos a aprovação da Educação Popular em Saúde como Política Pública Nacional (PNEPS-SUS). No âmbito da formação, alcançamos a esfera nacional com cursos como o de *Formação histórica e política de estudantes universitários da saúde*, executado pela UERJ, e o de *Aperfeiçoamento em Educação Popular e Saúde*, executado pela Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, da FIOCRUZ. Formação também foi pauta de evento Nacional realizado na UFPB. Comitês de Educação Popular e Saúde são consolidados pelo país. No âmbito da divulgação, várias publicações, blogs, livros, sites, cadernos, além de dois dossiês: um pela Revista Interface e outro pela Revista de Atenção Primária a Saúde. Muito trabalho, indignação, militância, esperança, vontade de vida digna para todas as pessoas, moveram pessoas, coletivos, universidades, editores, educadores e educandos, colaboradores em uma comunidade política que se forma e se fortalece em rede, num cotidiano de conflitos, contradições, amorosidades, incompletudes num país onde saúde e educação são “gastos” congelados por 20 anos, e não investimento prioritário; num sistema-mundo com uma desumanização em pleno curso, que vitima cotidianamente milhões de seres humanos, expro-

pria dignidade, tira a vida, ataca direitos trabalhistas, universidades públicas, reservas naturais e soberania nacional, ataca pessoas em situação de vulnerabilidade e políticas públicas de proteção e seguridade. O que aqui apontamos inicialmente como conquistas importantes da Educação Popular e Saúde, contribui, fortalece, amplia parcerias e conhecimentos críticos. Porém, por muito que alcancemos, muito mais há que se alcançar. Em 1967, Paulo Freire publicou “Educação como prática da liberdade”. São 50 anos desde então. A atualidade deste livro se faz presente desde a primeira a estas últimas linhas deste editorial e nos remete a reflexão: o que é educação como prática da liberdade hoje? Desejamos que a leitura deste Boletim traga elementos que lhe instigue ainda mais na reflexão sobre essa pergunta e na ação que ela conclama. Boa leitura!



Educação Popular em tempos de grande desânimo na vida política da nação ~ Eymard Mourão Vasconcelos

Os governos federais comandados pelo Partido dos Trabalhadores, que se elegeram por meio de um discurso de solidariedade social e da proposta de aprofundamento da democracia e da justiça social, se viram fortemente atingidos por graves e consistentes denúncias de corrupção. Com isso, houve uma grande perda de legitimidade no imaginário popular das propostas políticas centradas no enfrentamento da desigualdade e da pobreza, como se fossem estratégias discursivas para se conseguir apoio para se manter no poder e apropriar indevidamente da riqueza nacional. Grupos políticos de direita, rancorosos com a ascensão social de muitos pobres, causando pequenas perdas, nos últimos anos, de sua distinção como elite diferenciada, ganharam espaço para atacar amplamente políticas sociais de equidade. Paulo Freire passou a ser alvo de ataques, que antes se envergonhavam de se tornar públicos. Houve um crescimento da desconfiança, no meio da classe média, em relação a práticas e movimentos orientados pela Educação Popular

O grupo mais corrupto, que antes compunha a base de sustentação política dos governos do PT, assumiu o governo federal. Denúncias ainda mais graves de corrupção começam a ser reveladas a respeito desse grupo comandado por Michel Temer. Para se sustentar politicamente, esse grupo passa a utilizar de práticas escancaradas de compra de apoio e silenciamento de oposições. Iniciativas para colocar um fim no crime organizado, com tantos detalhes escabrosos revelados, instalado no governo federal foram sucessivamente derrotadas. Muitas forças políticas, que se agitaram bravamente contra os desmandos e corrupções dos governos do PT, se silenciaram, mostrando o caráter seletivo e ideológico de sua indignação. O clima de desânimo se expandiu em amplos setores da população. Conquistas concretas nas políticas sociais dos últimos anos começaram a ser desgastadas. A elite tradicional sorri.

A Educação Popular que vinha se expandindo na gestão do SUS, perdeu quase todo seu espaço no Ministério da Saúde. Financiamentos para novos projetos acabaram. O movimento de educadores populares precisou de voltar à sua mais antiga tradição de luta: fortalecer-se como articulação e organização autônoma, buscando formas independentes de ação polí-

tica. Quem não conhecia ainda esse caminho de ação política sem apoio de instituições estatais e sofrendo repetidos ataques políticos, passou a achar que era o fim da esperança. Mas não é.

Eventos da saúde coletiva e do movimento de saúde comunitária ocorridos em 2017, agora sem apoios financeiros do governo federal, ajudam expressar bem os atuais movimentos da sociedade civil brasileira. Estudantes e jovens profissionais estão cada vez mais presentes e animados, instigados pelos desafios trazidos pelas perdas políticas impostas pela elite tradicional. A forte e animada presença da juventude nesses congressos sinaliza a força política da utopia sanitária nos dias de hoje. A programação desses eventos voltaram a priorizar os projetos mais amplos de reconstrução da nação em direção à democracia, justiça e cidadania plena. Se a Educação Popular perdeu apoios institucionais, ela agora ganhou valorização no Movimento Sanitário, antes muito ocupado com preocupações sobre detalhes técnicos de gestão do SUS e sobre refinamentos teóricos dos temas em debate. A discussão da utopia que anima o Movimento Sanitário ganhou importância. Os temas debatidos ganharam autonomia em relação ao Ministério da Saúde que antes financiava e controlava parte significativa das programações dos congressos. Isso aconteceu, algumas vezes, até nas nossas Tendas Paulo Freire.

A luta continua. Mas precisa continuar com novos aprendizados. Assistimos ao dismantelo de governos progressistas que deixaram de buscar sustentação nos movimentos sociais e nas classes populares, por se confiarem na compra de apoios por meio de recursos obtidos através acordos corruptos com a elite. Ficamos estarelecidos por importantes líderes de esquerda foram seduzidos pelos confortos e bens da elite econômica. Aprendemos como muitas lideranças de movimentos sociais se deixam seduzir por acesso diferenciado a financiamentos para projetos de seus grupos, deixando de lado sua coragem crítica diante das contradições da gestão institucional. Muitos ainda se recusam a reconhecer os graves erros cometidos, como se isso significasse apenas dar legitimidade aos grupos de direita rancorosa que lutam pela recomposição dos antigos privilégios. Não! Reconhecer erros e analisar estratégias erradas é a única forma de caminhar duradouramente em direção a uma sociedade mais justa, democrática e amorosa. É tempo de renovação.



Está chegando o importante ano eleitoral de 2018. O futuro está em aberto e depende de nosso trabalho. Mas a batalha eleitoral não é a única. Precisamos de nos rever. E aprender a trabalhar junto com o Estado sem perder nossa autonomia, como aconteceu muitas vezes nos últimos anos.

Antes, na época da ditadura militar, a Educação Popular em saúde era um movimento social de lideranças de organizações populares e de profissionais em saúde que atuavam principalmente fora do aparelho estatal. Com o processo de democratização a partir do final da década de 1980, a educação popular em saúde passou a ser também um movimento social de trabalhadores do SUS, tentando modificar, por dentro do Estado brasileiro, os rumos das políticas de saúde. Dentro ou fora do Estado, continua sendo, no entanto, um movimento minoritário e, muitas vezes, perseguido. Propõe um novo jeito de fazer saúde. Mas essa mudança é muito profunda e radical. Uma coisa é ela acontecer em práticas pessoais e em pequenos setores institucionais. Para ela se generalizar na sociedade, necessita de mudar currículos, reorientação orçamentária, novas legislações, sistematização teórica e divulgação dos seus caminhos, criação de equipes de funcionários identificadas e nova cultura sanitária. Enfim, exige mudanças estruturais do aparelho do Estado e na mentalidade da população como um todo. É um processo complexo e demorado que depende da dinâmica cultural e política nacional e internacional que não é determinada apenas pela militância.

O processo de democratização e de conquista de direitos tem acontecido historicamente em ciclos que oscilam. Talvez a maior frustração e maior desânimo estejam acontecendo com os militantes que tiveram a ilusão de que a posse de alguns cargos de poder estatal fosse suficiente para fazer acontecer mudanças assim tão profundas. Mas, continuamos a ser um movimento social minoritário, inclusive dentro do Movimento Sanitário que tem a tradição de buscar transformações a partir de inovadoras propostas da sua vanguarda, com participação apenas periférica das classes populares em sua construção.

Movimentos avançam e perdem. Mas persistem. Choram mas se recompõem. Aprendem e seguem. E isso tem uma poesia.

Participo do Movimento Sanitário, como movimento de Educação Popular, há 43 anos. Desde quando era estudante em 1974. Antes, éramos em muito menor número. Muitas vezes, vivíamos acuados. Na verdade, fico perplexo com a forma como um movimento tão minoritário e perseguido gerou mudanças tão amplas na sociedade brasileira. Uma análise política fria, naquela época, não poderia vislumbrar tantas mudanças conseguidas. Mas utopia e organização são fatos políticos concretos e significativos. E essa utopia está ainda mais espalhada hoje. Temos muito mais grupos organizados lutando por ela. Estamos muito mais abastecidos teoricamente. E temos um passado que nos permite muitos aprendizados.

Fazemos parte de um movimento muito mais amplo de pessoas e grupos indignados com a desigualdade, a opressão e a pobreza e que dedicam boa parte de suas energias vitais para superá-las. É como o cientista político Norberto Bobbio caracterizava o ser esquerda. Nesse momento de grandes perdas políticas, precisamos nos manter unidos. Mas essa união não deve calar nossa autocrítica interna. A esquerda brasileira é diversa, adotando diferentes estratégias e éticas. Muitas das estratégias adotadas contribuíram para a grande derrota que assistimos nos últimos 4 anos. Precisamos lutar juntos, mas também distinguir caminhos e atitudes de diferentes grupos da esquerda. Como a perspectiva de esquerda orientada pela educação popular se distingue e contrapõe a muitas posturas de outros grupos de esquerda? Essas diferenças sempre existiram e geraram tensionamentos não claramente debatidos. Estamos no momento de priorizar esse debate. Distinguir para não repetir os mesmos erros.

Eymard Mourão Vasconcelos, atual coordenador nacional da Rede de Educação Popular e Saúde.

“A luta continua. Mas precisa continuar com novos aprendizados”



Site – construção e relevância... histórico, mudança de servidor

O novo site da Rede de Educação Popular e Saúde entrou no ar em junho de 2015. Ele foi possível graças a um financiamento do Ministério da Saúde, dentro de projeto gerido pela UERJ. O projeto foi desenvolvido por uma empresa de João Pessoa e contou com apoio logístico do Projeto de Vivências em extensão popular no SUS (VEPOPSUS).

Hoje o site da Rede de Educação Popular em Saúde encontra-se hospedado no servidor da Universidade Federal da Paraíba e conta com o apoio desta instituição e do Projeto VEPOPSUS, tanto no que diz respeito a manutenção quanto a apoio jornalísticos,

Para conhecer o site e cadastrar-se na lista de discussão, acesse: www.ccm.ufpb.br/redepopsaude/

Hospedado no servidor da Universidade Federal da Paraíba



Roda de conversa

Roda de conversa é um espaço destinado para o educador popular divulgar suas ações, relatar experiências e vivências, problematizar questões teórico/práticas, debater assuntos do dia-a-dia. A ideia é que seja um espaço plural, em que todos possam participar, seja provocando debates: fazendo a rodas de conversa girar ou participando ativamente dos diálogos.

Como fazer:

1. Cadastrar-se no site www.ccm.ufpb.br/redepopsaude e/ou na [lista de discussão da Rede](#).
2. Acessar o link informado na página;
3. Efetuar o login de acesso;
4. Acessar no menu **Posts** o link **Adicionar novo**;
5. Selecionar categoria **Roda de Conversa**;
6. Informar **Título, Conteúdo (no campo maior abaixo) e Imagem destacada**.
7. Publicar.

A ideia é que nesse espaço você possa ajudar a contar nossa história. Faça seu relato de um momento específico da história da Rede, inclua fotos, figuras e contribua para enriquecer o passado da história da educação popular em saúde.

Como fazer:

1. Cadastrar-se no site www.ccm.ufpb.br/redepopsaude e/ou na lista de discussão da Rede.
2. Acessar o link informado na página;
3. Efetuar o login de acesso;
4. Acessar no menu Histórico, o link Adicionar novo;
5. Informar **Título, Conteúdo (no campo maior abaixo) e**

Imagem destacada;
6. Publicar.

Limitação do texto:

- Entre 500 e 1000 palavras.

Histórico

A logo da Rede – elaboração, importância e uso

Em 2014 foi criada a logo da Rede de Educação Popular e Saúde.

A Rede era o único coletivo Nacional de Educação Popular em Saúde que não tinha uma logo, o que dificultava sua identificação visual em evento e publicações. A partir de sua criação, essa identificação visual deixou de ser um problema. Hoje, por exemplo, o logo da Rede pode ser visualizado no site da Revista APS, em sua revista, no site da Rede, nos eventos que contam com o apoio ou a promoção do coletivo, o que contribui para visibilidade do coletivo e dos seus integrantes.

A criação da logo contou com Apoio do Projeto de Vivências de Extensão Popular no Sistema Único de Saúde (VEPOPSUS). Foi um de seus bolsistas quem desenvolveu o conceito e o desenho.



Biblioteca Virtual

Nossa proposta para esse espaço é construir coletivamente uma biblioteca digital com texto de referência histórica e atual sobre educação popular em saúde.

Sua contribuição é fundamental: faça upload do seu arquivo em PDF, sem direito autoral, para nossa biblioteca e o disponibilize para todos.

Como fazer:

1. Cadastrar-se no site www.ccm.ufpb.br/redepopsaude e/ou na [lista de discussão da Rede](#).
2. Acessar o link informado na página;
3. Efetuar o login de acesso;
4. Acessar no menu **Biblioteca**, o link **Adicionar novo**;
5. Informar **Título, Conteúdo (no campo maior abaixo) e Imagem destacada**;
6. Publicar.



EDPOPSUS 2

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde - PNEP SUS - define como uma das principais estratégias de fortalecimento da educação popular no Sistema Único de Saúde a formação. A formação dos profissionais, dos trabalhadores e das lideranças populares.

Assim, em 2012, representantes de vários coletivos de educação popular em saúde começaram a pensar um curso de formação que priorizasse Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Vigilância, duas classes profissionais estratégicas para a Atenção Básica e a Saúde da Família.

O curso Educação Popular para o SUS, EdpopSUS 1, aconteceu, em uma primeira versão, entre de 2013 e 2014, com carga horária de 53 horas, em parte presencial, e noutra a distância. O curso teve dezenove mil educandos inscritos e aconteceu em nove estados da união.

Os aprendizados dessa primeira versão do

curso permitiram formular, a partir de 2015, um curso maior, o EdpopSUS 2, desta vez de aperfeiçoamento, com 160 horas, 17 encontros, na modalidade presencial, combinando encontros em sala de aula com trabalhos de campo. Da meta de sete mil educandos para este curso, já com quase quatro mil inscritos em 13 estados. Agora, o curso está sendo coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Osvaldo Cruz.

Após meses de preparo cuidadoso, incluindo oficinas, reuniões, negociações, preparo de material educativo e pactuações políticas nos estados, o curso começou em dezembro de 2016, em 10 estados. Depois de quatro meses intensos, foram apresentadas mostras dos educandos e cerimônias de formatura. Em maio deu-se início a uma segunda etapa do Curso em 5 estados. E, ainda, em 2018, o curso iniciará uma terceira etapa, para 7 estados.

Educação Popular em Saúde com o Programa Saúde na Escola (PSE): superando os desafios e ampliando as ações no município de Uberlândia-MG

~ Danilo Borges Paulino; Andréa Flávia da Silva Corrêa; Mariana de Abreu Barbosa Pereira da Silva; Gustavo Antonio Raimondi

Por aqui no Triângulo Mineiro, seguimos ampliando as ações de Educação Popular em Saúde. O módulo Saúde Coletiva III do curso de Medicina da UFU, um dos vencedores do Prêmio Victor Valla em 2016, estabeleceu, na parceria com a Gestão Municipal, a inserção das ações de Educação Popular em Saúde em articulação com o Programa Saúde na Escola (PSE), uma ação integrada entre os Ministérios da Saúde e

da Educação, cuja finalidade é contribuir com a formação integral dos(as) estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Neste semestre, os(as) estudantes de medicina puderam realizar grupos com os(as) agentes do PSE, refletindo sobre o processo de trabalho e pensando alternativas para uma prática mais articulada aos princípios da Educação Popular em Saúde. O apoio da Gestão Municipal, em



especial da Coordenação do PSE, foi fundamental para o sucesso das ações que, tomara, terão vida longa no curso de Medicina e nas escolas do município. Terminada uma das atividades, encontramos uma das agentes do PSE emocionada. *“Gostei muito desses alunos”*. A alegria de perceber que é possível, em um mesmo espaço, aprender, emocionar-se, ensinar, afetar e ser afetado(a) tomou conta de todos(as). Naquele momento, pudemos perceber que os(as) estudantes, futuros(as) médicos(as), compreenderam os ensinamentos teórico-práticos do semestre e conseguiram execu-

tar com maestria a amorosidade, o diálogo e a construção compartilhada de saberes em uma prática educadora emancipatória, com respeito à integralidade e autonomia dos sujeitos. A cada dia a Educação Popular em Saúde, em especial como potente ferramenta para o desenvolvimento de competências fundamentais para a prática médica, nos surpreende. São inesgotáveis as possibilidades nos encontros entre as pessoas. Que sigamos firmes nessa integração ensino-serviço-comunidade, tendo a Educação Popular em Saúde como eixo norteador de nossas reflexões e práticas

Vivências da Liga de Educação em Saúde ~ Ana Clara Arantes Gonçalves

Na Liga de Educação em Saúde (LES), projeto de extensão popular da Universidade Federal do Rio Grande, há também reflexos do momento político que fazem pensar no significado de trabalhos com a comunidade na universidade.

À época de sua fundação, em 2010, a proposta de trabalho com a comunidade e o desenvolvimento de uma visão um pouco menos biologicista trazidos pela LES foi regada a diversas críticas e tentativas de desvalorização do projeto dentro da faculdade de medicina. Em parte devido à participação em congressos, eventos nacionais e internacionais, a LES ocupou mais espaço e reconhecimento. Mesmo as críticas, que ainda existem, tornaram-se mais brandas.

Nesse sentido, a liga tem contado com cada vez mais extensionistas, que buscam reaproximar-se de uma medicina mais humana, de formas de diálogo mais amorosas e do próprio empoderamento para se posicionar, questionar e promover cuidados em saúde. Hoje, a LES é também espaço de cuidado mútuo entre os estudantes. Mas algo

em suas falas ainda traz certa frustração e sofrimento com as práticas médicas que vivenciam ao longo do curso.

É possível pensar, então, que, embora o projeto em si não mais seja alvo de tanta desvalorização, ainda vai contra o que é realmente praticado por muitos profissionais da saúde. Em seu discurso, preocupam-se com as precariedades na saúde, mas a aproximação com a comunidade não é vista como solução possível aos tantos problemas sociais e políticos - que sempre existiram, mas têm vindo à tona com mais força nos últimos anos.

A própria história desse projeto pode mostrar que a construção com a comunidade é um importante vislumbre de esperança em momentos de dificuldade aparentemente intransponíveis. Por isso a maior procura por esse trabalho. E é esse otimismo talvez a ferramenta mais poderosa para lidar com realidades tão distintas, e por vezes tão conflitantes.

Ana Clara é Acadêmica do curso de medicina da Universidade Federal do Rio Grande e coordenadora da Liga de Educação em Saúde.



ANEPS: A Educação Popular e Saúde em evidência ~ Simone Maria Leite Batista & Suely Correia

A Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde - ANEPS nasceu há quatorze anos, em 15 de junho de 2003, por iniciativa de movimentos e práticas de educação popular e saúde existentes no Brasil, que se propuseram juntos, a pensar políticas públicas para o SUS, contribuir com as Conferências Nacionais de Saúde e participar do desenvolvimento de processos de aprender-ensinar em saúde nos estados brasileiros.

A construção desse movimento se efetivou por meio de um rico processo, que surgiu como fruto da parceria entre membros de universidades, movimentos sociais, pastorais, gestores, cuja preocupação em estruturar a ANEPS em todo o País fundamentou-se no respeito às características locais, à diversidade cultural, à organização popular e à necessidade de construção de um sistema de saúde com efetiva participação popular, no qual os diversos sujeitos que transitam no cotidiano dos serviços tivessem suas necessidades atendidas e seu modo de viver respeitado.

A ANEPS atua por meio de processos de mobilização, rodas de discussão, encontros, vivências cursos,

tendas de educação popular, participação em conselhos de saúde e oficinas e tem como eixos estruturantes a pedagogia da problematização, a construção coletiva com os vários atores envolvidos e, principalmente, o despertar de sujeitos críticos e reflexivos, construindo um processo permanente e dialético entre o individual e o coletivo de ação/reflexão/ação, com o envolvimento de todos os sujeitos que dele participam. As ações sempre envolvem os movimentos sociais locais, instituições, estudantes, problematizam a realidade específica e propõem o encontro entre o saber científico e o popular sobre o adoecer e o curar. A operacionalização das atividades da ANEPS nos estados se viabiliza através dos núcleos estaduais que se reúnem periodicamente e atuam como facilitadoras do diálogo entre os núcleos regionais, além de operacionalizar as atividades agendadas. Desde o seu surgimento, a ANEPS/Nacional tem realizado Encontros Nacionais de Educação Popular e Saúde.

O processo de educação popular em saúde desencadeado pela ANEPS tem sido rico e desafiador, mobilizando as práticas e grupos que desenvolvem ações de valorização da vida, tendo como fio condutor das discussões os princípios da educação popular.

Mulheres plantam em uma horta comunitária ~ Maria Amélia Mano, Luiza Campos Menezes e Almerinda Gambin



Resgatam as mãos na terra dos tempos de infância no interior e o cuidado com o broto “para que a vida nos dê flor e fruto”. Meninos descobrem as ruas de asfalto em quatro rodas de skate: obstáculos, novos caminhos em passeios pela cidade. O que esses grupos têm em comum? Um é repouso e calma e outro, movimento e pressa. Todos fazem parte do Projeto Minha Nova Rua que se propõe a acompanhar e fortalecer iniciativas em um território de reassentamento – o Loteamento Porto Novo em Porto Alegre - RS - tal qual um observatório do cotidiano. Tudo começa pelo Projeto Memórias da Vila Dique que se propunha a escutar as histórias dos moradores do antigo território que, em função das obras da Copa do Mundo de 2014, sofreram um processo de remoção com reassentamento

no Porto Novo. Com o tempo, a própria comunidade impôs a mudança de olhar, com as novas lutas e esperanças. A escuta permite acompanhar os movimentos dos sujeitos, apostando na criatividade para a superação, adaptação, resiliência e reapropriação do território, ressignificando vizinhanças e práticas. Inicialmente havia uma parceria entre Grupo Hospitalar Conceição e Universidade Federal do Rio Grande do Sul e os principais produtos foram: um curta metragem (com roteiro de duas adolescentes da comunidade), um média metragem e três livros. Dois livros são nascidos de rodas de memórias com moradores, reflexões de participantes e oficinas de fotografia. O terceiro livro nasce do registro das falas, saberes e histórias de personagens importantes da comunidade. Contemplado com o Prêmio Victor Valla de Educação Popular em Saúde, o Projeto Minha Nova Rua segue entre raízes e rodas, escutando as ideias que nascem das sementes e das piruetas no ar.



Comitê Municipal de Práticas Integrativas e Complementares e Educação Popular e Saúde de São Carlos – SP ~ Maria Waldenez de Oliveira

Podemos dizer que a trajetória que resulta na criação deste Comitê é uma trajetória que coloca em trabalho colaborativo grupos, organizações e pessoas da cidade de São Carlos (SP) que vinham há tempos no trabalho seja com Práticas Populares de Cuidado em Saúde, seja com Práticas Integrativas e Complementares de Saúde - PICs, seja com Educação Popular e Saúde – EPS.

Em 2015 uniram-se 3 grupos que vinham articulando a inserção, em políticas e ações de âmbito municipais, das Práticas Populares, das PICs e da EPS, a saber: o gabinete do vereador José Luis Rabello (conhecido como Zé do Mato), a ONG Círculo de São Francisco e o grupo do MAPEPS- Mapeamento de Práticas de Educação Popular e Saúde. O vereador Zé do Mato era (faleceu há um ano) tradicional erveiro da cidade há pelo menos 3 décadas, vereador em segundo mandato com atuação na formação profissional e oferta de fitoterápicos no

SUS. O Círculo de São Francisco há 15 anos oferece várias práticas de cuidado à saúde à população, em caráter de trabalho voluntário (homospiritualis.blogspot.com.br). O MAPEPS completa 11 anos e tem como objetivo promover processos formativos de Educação Popular e Saúde (mapeps.blogspot.com.br). Os 3 grupos tínhamos claro que as Políticas Nacionais de PICs e de EPS se fortaleciam e se ampliavam mutuamente, assim, não tínhamos dúvida da importância de articulá-las formalizando uma lei municipal que implantasse em São Carlos uma Política Municipal de PICs e EPS.

Em, 2015 promovemos, durante a II Semana de Fitoterapia, um Fórum de PICs e EPS, organizado pelos 3 grupos acima mencionados, com participação da gestão municipal (executivo e legislativo), do Ministério



da Saúde e de pessoas do município que têm posturas e ações voltadas à valorização das práticas populares, das PICs e da EPS. Formou-se uma comissão para redação da Política Municipal de Práticas Integrativas e Complementares e de Educação Popular e Saúde – PMPICEPS de São Carlos e para articulação com o Conselho Municipal, Secretaria Municipal de Saúde e Prefeito Municipal. A comissão recebeu assessoria dos departamentos do Ministério da Saúde responsáveis por cada uma das duas Políticas Nacionais (de PICs e de EPS) e da assessoria jurídica da Câmara Municipal. A implantação da Política de PICs e EPS em São Carlos foi debatida em fevereiro de 2016 no Conselho Municipal de Saúde ao qual também se apresentou o projeto de lei. O Conselho aprovou o seguimento do processo de implantação e o projeto de lei foi encaminhado ao executivo.

Já em janeiro de 2017, após a troca da gestão municipal, o grupo articulador reuniu-se com o

atual Secretário de Saúde e este formalizou a criação do Comitê para tomar as iniciativas em relação à inclusão das Práticas Integrativas e Complementares e da Educação Popular e Saúde no SUS em São Carlos.

Ao mesmo tempo, em âmbito nacional, tivemos importantes marcos legais em 2017. A aprovação pela Comissão Intergestores Tripartite do Plano Operativo da PNEPS (Resolução no. 11, de 17 de janeiro de 2017), bem como a publicação de Portaria que inclui outras práticas além das previstas originalmente na PNIPIC de 2006 (Portaria Nº 849, de 27 de Março de 2017), nos dá maior amparo legal para argumentar pela sua implementação no município e nas instituições formadoras. Em vista este marco legal, o projeto de lei municipal foi atualizado e, no momento, encontra-se em articulação entre executivo e legislativo.

Maria Waldenez de Oliveira é membro do Comitê Municipal de Práticas Integrativas e Complementares e Educação Popular e Saúde de São Carlos.

As mudanças na formação médica exigem Universidades Públicas e SUS acessível com qualidade e participação ~ José Ivo Pedrosa

O Curso de Medicina da UFPI em Parnaíba-PI resulta da Política de Expansão das Escolas Médicas que é incorporada à Política Mais Médicos para o Brasil, pela Lei 12.871 de 22/10/2013, assim como outros cursos implantados em regiões estratégicas para o acesso aos serviços de saúde. Para serem autorizados devem apresentar requisitos como: formar profissionais críticos, humanizados e comprometidos com a saúde da população; considerar os serviços de saúde do SUS como espaços de aprendizagem; a problematização e o diálogo como referências para entender e enfrentar os problemas de saúde; propiciar vivência com a comunidade desde do início ao final do curso e considerar docentes, discentes, gestores, profissionais e a população como protagonistas ativos na formação.

Mas para a formação médica acontecer segundo o desejado, é imperativo que existem cenários sócio-políticos que promovam as mudanças necessárias na formação dos profissionais de saú-

de.

É imprescindível que o princípio do Direito à Saúde esteja presente na concepção e implementação do Curso, considerando a intrínseca relação entre teoria e prática, a responsabilidade social da Universidade e a participação dos sujeitos envolvidos na construção do Projeto Pedagógico (PPC).

Tendo o SUS como espaço de ensino e aprendizagem é fundamental que os princípios de Universalidade, Integralidade e Equidade sejam elementos orientadores da prática pedagógica para que cada aluno e professor compreenda que o conhecimento, as habilidades e as competências a serem desenvolvidas têm como objetivo final contribuir para a qualidade da vida do Outro.

Em síntese, para que este processo continue é urgente que se defenda a Universidade Pública, incluyente e acessível, a fim de que o saber acadêmico contribua efetivamente para a organização do SUS em Redes de Atenção nas quais o usuário/cidadão se sinta acolhido, respeitado e satisfeito.

Cordel do conhecimento

Valéria Ap. de Oliveira

Eu tô aqui matutando,
Como contar essa história,
Sobre o tal “conhecimento”
Que só nos enche de glória!
Vou começar do princípio,
Me valendo da memória e
Nada vou esconder de toda essa trajetória.
Era uma vez um sujeito,
Tinha lá seus vinte anos,
Negro e pobre, o desvalido,
Veio lá do Ceará.
Tinha pai e mãe bem vivo,
Que dizia o tempo todo,
“Fio, vai estudá!”
Passado o tempo, hoje em dia
Parecia que ainda ouvia,
O que o pai vinha falar,
Nessa vida nada ganha,
Quem não sabe nem contar.
Só Deus sabe da labuta,
Que ele sempre enfrentou
Se manteve firme e forte,
Naquilo que o pai ensinou.
Com ideia resoluta,
A custa de muita luta,
Foi pra Federal estudar,
Sem nunca ter tido chance,
De um pequeno livro comprar.
Muita coisa ele sabia,
Mesmo na tenra idade,
O muito que aprendeu até sua mocidade,
Da vivência que ele teve das voltas lá na cidade.
Aprendeu ler e escrever, nas histórias de Cordel.
Por ali tudo aprendia,
Parecendo até que um dia,
Um milagre ele previa.
Foi assim que o rapazola,
Todo contente e feliz,
Chegou lá na Faculdade,
Como seu pai sempre quis.
O sonho desse rapaz, muito esperto
E sagaz, era sair de lá doutor,
E voltar pro Ceará como grande professor,
Dizendo para seu pai, que o momento chegou.
Não se aflija criatura, seu dilema começou,
Sem nenhum constrangimento,
Foi com esse pensamento; controlando a

euforia,
Que o moço muito empenhado, ficava bem informado
De tudo que acontecia, dentro da academia.
Não tardou ele sentir,
Que tudo isso tinha um preço,
Como tudo nessa vida, isso aqui eu esclareço,
O que falta nesse mundo, eu digo e me enterneço,
O moço tinha saudade, coisa que desconheço.
A dura realidade, de estudante cotista
Com a família distante,
Longe da sua vista, falta grana e moradia,
Falta tempo e condição
Bateu forte a tristeza dentro do seu coração.
Ainda assim se valia,
Dizendo, dia após dia,
Daqui só saio doutor.
Nessa altura já sabia, que também na academia,
Tudo que pretendia não chegava à perfeição,
Tinha que levar em conta, a tal precarização.
Mas num derradeiro dia, o moço já mais centrado,
Na sala de aula ouvia, o professor falar bem claro,
Com crescente animação,
Sobre os saberes que vinha desse nosso povão.
Discorreu com maestria sobre a contribuição,
Que por ali existia para nossa formação,
Que a cultura popular, construiu uma nação.
O rapaz agora tinha nova compreensão,
E com muita alegria, tomou uma decisão,
Queria no TCC, sua cultura defender.
Procurou aquele mestre,
Com grande admiração, meu querido Professor,
Tenho aqui uma questão, na minha monografia,
Creio que defenderia a cultura popular,
E muito me alegraria em cordel apresentar.
O professor preocupado, com o olho arregalado,
Disse: Menino, cuidado! Vais arrumar confusão!
Eu vou lhe dar um recado:
Não estamos preparados, pra tamanha

evolução!
O rapaz abobalhado, se sentindo derrotado,
Argumenta com razão:
Professor o senhor defende a cultura do povão,
Mas só da boca pra fora! Essa é minha opinião.
Meu rapaz eu não me ofendo, com sua indignação.
Não defendo só ciência, defendo a educação.
Mantenho minha posição: São os saberes diversos,
Que fazem a transformação.
Infelizmente eu queria, com vocês compartilhar,
Toda essa experiência, que tive ao ensinar,
Existem outros saberes, basta querer encontrar.
Mas não são reconhecidos, para além desse lugar.
Professor eu compreendo, toda sua explicação,
Mas confesso, não entendo.
Qual o problema então? Posso falar de cultura,
Mas não da literatura de prestígio popular?
Isso mesmo meu rapaz.
Por tudo que aqui se faz, só será reconhecido,
Se cumprir e bem cumprido com pesquisa eficaz,
Pois o conhecimento só a ciência é que traz.
Obrigado professor! Agora tenho entendido.
Já me sinto convencido, tenho que seguir a regra,
Tudo para ser doutor e voltar para minha terra,
Como grande professor!
Essa história não tem fim,
Mas tem um bom fundamento,
Olhar pra realidade só traz mais um sofrimento,
Fica aqui um chamamento, pra cultura perdurar,
Venha pro movimento de Educação Popular!



Estórias da rua que foi balsa ~ Mayara Floss e Maria Amélia Mano

Pegue um cartão postal antes de começar a ler e vivenciar o livro “Estórias da Rua que Foi Balsa: Trilhas e intuições na Educação Popular em Saúde” que surgiu a partir do projeto Rua Balsa das 10 (www.balsa10.blogspot.com). O livro foi uma construção compartilhada das mãos dos autores: Eymard Vasconcelos, Maria Amélia Mano, Ernande do Prado, Mayara Floss, Julio Wong; da Editora Estúdio Guayabo com a Patrícia Rezende e Valquíria Rabelo e da artista Paula Wong.

O primeiro lançamento do livro, quase que por “acidente” aconteceu na Paraíba no qual por várias causalidades quatro dos cinco autores puderam estar presentes junto com a Maria Valéria Rezende que escreveu o Prefácio e Contra-capla do livro. Tem sido emocionante a repercussão do livro. Como foi dito, no lançamento em Niterói, o Primeiro livro de “Capa dura” simbolizando a resistência da Educação Popular em saúde entremeada pelo azul que navega por entre as páginas. Se for analisar de forma rasa as “Estórias do Rua que foi Balsa”, para alguns pode até não parecer que é saúde, mas a essência e as entranhas de quem mergulha neste mar (ou lagoa) mostram a formação dos profissionais que contam histórias e estórias e vivem a Educação Popular em Saúde no cotidiano.

Não são só as Estórias e a capa dura, mas o livro em si é uma experiência sensorial e visual. A contra-capla do livro é um manual de instruções para se fazer um barquinho de Origami. E as ilustrações de Paula que transcendem as palavras conversando com os textos e intuições. O livro este ano foi o vencedor do 13º Prêmio Mineiro de Excelência Gráfica Cícero 2017, na categoria “Livro Texto”. Certamente ainda estamos colhendo o retorno de todos os que participam do Rua Balsa das 10, lendo, escrevendo e navegando.

O cartão postal, parte do livro, junto com a capa que, na dobra, se transforma em barquinho de papel, é um convite a viajar. Para os que viajam sem sair do lugar, pode ser um convite para embarcar em muitas possibilidades de contar de si e do ofício de cuidar. É possível navegar no barco azul, tanto quanto é possível apenas olhar ele indo e indo. É possível emoldurar o postal e admirar, tanto quanto é possível endereçá-lo a quem quer partir, voltar, em travessias e travessuras de ser mais.

Seja o que decidir, há lugar, água, ar e terra firme. Escolha sua viagem, seu descanso, seu barco, seu sonho.



NÓS DA REDE

Boletim informativo da Rede de Educação Popular e Saúde.

Dezembro de 2017.
Número 10.
Publicação digital

Organizadores:

Ernande Valentin do Prado
Eymard Mourão Vasconcelos
Maria Waldenez de Oliveira

Revisão:

Rogério Bittencourt de Miranda
e Ana Clara Arantes

Diagramação:

Mayara Floss
Ernande Valentin do Prado.

Os textos deste número foram elaborados a partir da Lista de Discussão da Rede de Educação Popular e Saúde.

Endereços:

<redevpop+unsubscribe@googlegroups.com>

<<http://www.ccm.ufpb.br/redepopsaude>>

